

**FATORES ENDÓGENOS E EXÓGENOS NO DESENVOLVIMENTO DEMOGRÁFICO:
EM BUSCA DA TEORIA DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA DEPENDENTE**

Zoran Roca*

A experiência histórica nos ensina que o desenvolvimento demográfico¹ ocorre em estágios. A dinâmica demográfica, principalmente o crescimento natural, como também o desenvolvimento sócio-econômico, determinam as características de cada um desses estágios. O início, a duração e suas peculiaridades dependem da força e direção do funcionamento interdependente desses fatores. Graças à já historicamente confirmada participação dos efeitos dos fatores sócio-econômicos na diminuição das taxas de natalidade e mortalidade, inclusive superando as determinantes biológicas da reprodução populacional, o crescimento passa por fases de oscilação, equilíbrio, aumento ou diminuição, num ritmo pulsatório de longo prazo.

O desenvolvimento da população mundial através de estágios tem sua expressão e interpretação na Teoria da Transição Demo-

*Pesquisador Senior do Instituto para os Países em Desenvolvimento, Zagreb, Iugoslávia.
Traduzido por Augusto César Zeferino, Professor do Departamento de Geociências da UFSC.

gráfica. De acordo com esta teoria, as populações se desenvolvem gradualmente de um estágio pré-transicional, caracterizado pelo baixo crescimento natural resultante de altas (acima de 40 por mil) taxas de natalidade e mortalidade concomitantemente, para um estágio de transição no qual os subestágios são substituídos pelo aumento e, mais tarde, pela diminuição das taxas de crescimento natural resultantes de um movimento diferenciado e decrescente, primeiramente da taxa de mortalidade, seguido do mesmo movimento na taxa de natalidade, vindo a se estabilizar no estágio pós-transicional final, no qual as taxas de natalidade e mortalidade são significativamente baixas.

Embora a Teoria da Transição Demográfica tenha aparecido primeiramente através da histórica e bem documentada experiência dos países desenvolvidos, ela tem se afirmado como um esquema conceitual básico nos estudos relativos ao desenvolvimento da população mundial, especialmente para entender o papel do desenvolvimento demográfico nos países do terceiro mundo, o qual tem chamado a atenção dos estudiosos. Essa explosão, como é conhecida, tem contribuído para uma crescente e aparente polarização na dinâmica e nas características estruturais nas duas partes desiguais da população mundial: a envelhecida e estagnada população dos países desenvolvidos e a demograficamente robusta e crescente população dos países em desenvolvimento.

Todavia, a Teoria da Transição Demográfica carece de um corpo categórico adequado e de métodos que possam nos ajudar a dar um salto à frente da aplicação positivista da hipótese básica de que desenvolvimento demográfico e desenvolvimento sócio-econômico são interdependentes - isto é, um passo à frente da efetiva notação dos afastamentos em relação à curva hipotética das taxas de natalidade e mortalidade por longos períodos de tempo. Isto torna-se especialmente relevante quando é aplicada esta teoria às populações dos países em desenvolvimento, isto é, à maior parte da população mundial.

Vamos proceder partindo da noção de que a população não atende ao seu papel de agente e de objetivo do desenvolvimento através do simples somatório total de indivíduos ou instintos grupais ou ainda decisões de como a mesma pode satisfazer de forma crescente as necessidades das pessoas, mas preferencial-

mente que o seu papel como produtor e consumidor é inseparável das relações sócio-econômicas nas quais os recursos de desenvolvimento são valorizados. Por essa razão, a população dos países em desenvolvimento não pode ser considerada separadamente do restante da população mundial, já que ela forma uma parte funcional da mesma. O mesmo raciocínio se aplica a população dos países desenvolvidos. Dado que as relações sócio-econômicas determinam a coletiva, isto é, o caráter social do desenvolvimento populacional (o mesmo sendo verdadeiro para a reprodução biológica!), não se pode interpretar objetivamente o problema populacional de hoje nos países em desenvolvimento simplesmente o extraíndo do contexto da transnacionalização do desenvolvimento sob as condições do modo capitalista de produção que, desde os tempos Coloniais, tem crescido para se tornar o sistema sócio-econômico dominante a nível mundial. Em outras palavras, os traços das estruturas e dinâmica populacionais nos países em desenvolvimento tem se manifestado, nos seus diferentes estágios, na sua interdependência com as condições específicas coloniais e neo-coloniais do desenvolvimento sócio-econômico desses países. Conseqüentemente, é impossível perceber-se o real significado por detrás das atuais impossibilidades visíveis da interação entre a população e o desenvolvimento desses países sem uma análise retrospectiva do lugar e do papel das suas respectivas populações na divisão internacional do trabalho.

Toda análise e avaliação das tendências demográficas nos países não desenvolvidos, com respeito à valorização dos recursos básicos do desenvolvimento, deveria levar em consideração o fato de que a condição para o desenvolvimento econômico, mudança social e transição demográfica naqueles países são, via de regra, desfavoráveis devido a condições históricas nas quais o desenvolvimento desigual do sistema capitalista e colonial, entre outras coisas, tem desempenhado um papel inegável.

A queda na taxa de mortalidade e a conseqüente explosão demográfica nos países não desenvolvidos podem ser vistas como uma forma de desenvolvimento demográfico que tem sido insuficientemente esclarecida (e inclusive não reconhecida) em teoria, como também uma maneira perversa de desenvolvimento demográfico

por representar um processo demográfico que é, formalmente, o mesmo que (ou similar, todo o alcance e a duração) aquele que teve lugar nos países desenvolvidos, num momento muito mais cedo, mas que é realmente forçado, já que não é funcional do ponto de vista do desenvolvimento.

Este processo se deu como resultado das desigualdades sócio-econômicas e do sub-desenvolvimento os quais eram dependentes e eram impostos de fora (isto é, a população era o objeto passivo das influências externas), como era também seletivamente estimulada de dentro. Ao invés de atuar em função do desenvolvimento demográfico através de uma interação simultânea, positiva e mútua, o desenvolvimento sócio-econômico (se, dadas as conotações positivas e construtivas do conceito do desenvolvimento em si, estivermos corretos em usar o termo quando nos referimos a uma mudança demográfica condicionada por uma repentina e forçada queda na taxa de mortalidade) tornou-se um problema de desenvolvimento de grandes proporções: isto é, ao invés de ser o "agente e o objetivo", tornou-se o "freio subjetivo" do desenvolvimento sócio-econômico.

Se a suposição de que o caráter não-desenvolvimentista e imposto da queda da mortalidade é um elemento essencial no exame da natureza real da explosão demográfica nos países em desenvolvimento e, se esta suposição é ao menos parcialmente correta, então se tem um argumento válido para propor que a Teoria da Transição Demográfica alcançaria seu significado científico total caso ela também contivesse o componente de interdependência entre o desenvolvimento de partes individuais da população mundial e as tendências e condições historicamente confirmadas do desenvolvimento sócio-econômico de partes individuais do mundo. No caso dos países do terceiro mundo, isto significa que o desenvolvimento de suas populações deveria ser entendido teoricamente em razão da posição e do papel que elas detêm na entrelaçada interdependência dos fatores externos e internos no desenvolvimento sócio-econômico desses países.

Além das influências na drástica queda da mortalidade, a literatura pertinente também dá grande importância a outras "influências externas positivas" (isto é, vindas dos países desenvolvidos) que contribuíram para mudar as características demo-

gráficas ditas "velha" e "tradicional", graças às quais o comportamento demográfico dos países do terceiro mundo não atende aos objetivos gerais do desenvolvimento. Isto se refere basicamente às mudanças em motivação para a reprodução biológica, o que significa a diminuição das taxas de natalidade como resultado de movimentos de industrialização e urbanização nos países em desenvolvimento e que são externamente induzidos, estimulados e dirigidos.

Acredita-se ser possível sobrepor e reorientar positivamente (isto é, direcionar para um movimento mais rápido e mais estável através dos diversos estágios da transição demográfica) os desestimulantes e negativos fatores sócio-econômicos, endogenamente condicionados e existentes por detrás da desproporção entre população e desenvolvimento sócio-econômico, através da adoção daquelas influências externas que coincidam com os objetivos e caminhos do desenvolvimento, os quais foram impostos - e ainda continuam sendo - sobre o desenvolvimento demográfico na Europa e outros países desenvolvidos. O denominador comum dessas influências nos países em desenvolvimento é "modernização". Nominadamente, em conexão com um dos caminhos dominantes da interpretação sociológica e econômica neoclássica de desenvolvimento, com particular referência aos problemas de desenvolvimento e suas respectivas soluções nos países em desenvolvimento, geralmente o conceito de modernização preenche a maioria dos debates e estudos empíricos relativos às determinantes de reprodução biológica na população desses países. A teoria sociológica da modernização e outras correntes correlatas na percepção dos aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e outros relativos ao subdesenvolvimento dos países em desenvolvimento, também exerceram uma indisputável e forte influência na justificação teórica das determinantes sócio-econômicas do desenvolvimento demográfico por estágios.

Esta é uma das principais razões porque a Teoria da Transição Demográfica, enquanto preocupada com a história e o desenvolvimento futuro da população é, sem sombra de dúvida, vaga quanto às introspecções sobre a origem e a natureza real das correntes históricas do desenvolvimento sócio-econômico no mundo. A falta de atenção dada à existência e interdependência dos

fatores endógenos e exógenos do desenvolvimento populacional nos países em desenvolvimento, como uma parte da população mundial e como um tópico no desenvolvimento do subdesenvolvimento, representa não somente esta metodologia da teoria, mas também a sua falha substancial mais importante. De fato, a razão do retardamento na transição demográfica - isto é, a natureza do problema demográfico contemporâneo (como também de todo o problema do subdesenvolvimento) primeiramente através de fatores endógenos negativos ("tradicionalismo") e exógenos positivos ("modernização"), é baseada na visão euro-centrista do mundo a qual negligencia ou mesmo nega abertamente o fato de que os países desenvolvidos alcançaram seu crescimento e desenvolvimento geral, como também seu desenvolvimento demográfico, através da valorização das bases de recursos naturais e sociais numa escala planetária. Pode-se reconhecer as raízes dos fatores sócio-econômicos das características demográficas estruturais e dinâmicas de hoje - isto é, fatores demográficos nos problemas de desenvolvimento dos países em desenvolvimento - nos estágios historicamente já confirmados das condições sócio-econômicas e políticas de sua inclusão na divisão internacional do trabalho durante o desenvolvimento do capitalismo no sistema mundial.

Uma maneira teórica mais compreensiva de se pensar sobre o desenvolvimento demográfico teria, então, que estar fundamentada na suposição de que a população, em períodos diferentes, desempenha seu papel de agente e objetivo do desenvolvimento dependente de um complexo de fatores interrelacionados - ambos interna e externamente - como o social, o econômico, o cultural e outros. Em outras palavras, cada novo estágio na transição demográfica não pode ser interpretado sem antes levar em consideração todas as circunstâncias iniciais que causaram a emergência a partir do estágio anterior.

Graças às incertezas prevaletentes que limitam o alcance interpretativo da Teoria da Transição Demográfica, os seus elementos chaves mais positivos - e estes formam a base da Teoria da Transição Demográfica em busca dos fatores, síntese e generalização da dinâmica demográfica, como também formam a sua disposição em atribuir significado crucial principalmente aos

fatores desenvolvimentistas (e não estritamente demográfico e bio-antropológico) quando analisando o passado e predizendo estágios futuros de desenvolvimento populacional - deveriam ser assimilados dentro do esquema daquelas interpretações teóricas que avançaram na busca dos fatores internos e externos do subdesenvolvimento sócio-econômico dos países em desenvolvimento.

Quando investigando a história demográfica dos países em desenvolvimento, por exemplo, dever-se-ia trazer à tona a eficiência desenvolvimentista destrutiva do colonialismo; dever-se-ia mostrar que não foi apenas uma questão de determinantes "endógenas", "tradicionais" (no sentido de primitiva) e de outros tipos em termos de taxas de mortalidade e natalidade, isto é, a prolongada duração da fase pré-transicional nos países em desenvolvimento quando comparada com a visita pelos países desenvolvidos. A duração e o caráter do estágio transicional confirmam a disfunção do desenvolvimento do papel demográfico nos países em desenvolvimento como resultado da marginalização sócio-econômica e outros mecanismos de sua alienação em relação ao uso de seus próprios recursos de desenvolvimento. Estagnação demográfica em condições de altas taxas de natalidade e mortalidade dentre os maiores segmentos da população não foi a única consequência do desenvolvimento dependente - em outras palavras, o desenvolvimento do subdesenvolvimento na periferia do sistema econômico mundial - mas foi um importante elemento na sua condução. A estagnação refletia o **status quo** a reclamar os recursos naturais da periferia, garantindo assim tranqüila exploração dos mesmos em benefício do crescimento e desenvolvimento do centro. Traçando a lógica das relações em desenvolvimento demográfico como uma parte integral do desenvolvimento sócio-econômico no plano nacional e internacional, poder-se-ia afirmar que os países desenvolvidos poderiam, pelo menos até um certo ponto, agradecer aquelas mesmas características de estagnação imposta (isto é, nos estágios pré-transicionais) da população nos países em desenvolvimento pelas suas próprias experiências iniciais dos primeiros subestágios de transição demográfica.

A rápida diminuição nas taxas de mortalidade nos anos trinta interrompeu a longa estagnação demográfica fora do contexto do papel desenvolvimentista da população ou da vontade

de qualquer agente (externo ou interno) para agir construtivamente nas correntes do desenvolvimento sócio-econômico desses países através da mudança das circunstâncias demográficas (isto é, alargando a base e aumentando a altura da pirâmide etária). Mudanças na situação política internacional e nas relações econômicas devidas ao acelerado processo de descolonização - ou seja, o aparecimento de novos estados-objeto e de pré-requisitos formalmente criados para o desenvolvimento sócio-econômico nas bases da valorização de seus próprios recursos naturais e sociais - poderia não agir essencialmente na maior parte da população para que ela adotasse rapidamente o papel de um criativo e subjetivo fator no desenvolvimento. A explosão demográfica artificialmente provocada imediatamente antes da descolonização não pode ser conferida. Além do mais, ela tornou-se cada vez mais marcante, ambos por causa da lentidão, a qual sempre segue o desenvolvimento demográfico, o qual é sempre maior quanto mais repentina e extensiva são as mudanças na dinâmica demográfica, e devido também às relações sócio-econômicas internas, as quais foram adaptadas ao interesse do capitalismo mundial.

Os países desenvolvidos foram deixados com uma única característica comum: a dependência estrutural de suas economias e as relações sociais estabelecidas originalmente. O processo da transnacionalização do desenvolvimento imposto de fora e encorajado de dentro continua a aumentar as grandes diferenças regionais no desenvolvimento dos países em desenvolvimento na escala nacional. Estas diferenças são, em grande parte, baseadas na marginalização sócio-econômica da maioria da população. Caminhos de desenvolvimento nos países em desenvolvimento, com raras exceções, apresentam hoje a seguinte situação: uma grande parte da população é deixada de fora, sem educação, sem emprego e sem aumento de sua capacidade produtiva mantendo, assim, as condições de vida material e social a um nível muito baixo.

Embora fosse possível afirmar, até um certo ponto, que durante o período pré-transicional as determinantes das motivações coletivas e individuais, como também as condições sócio-econômicas nas quais a reprodução biológica depende, na sua maior parte, na esfera dos fatores endógenos, sócio-tradicio-

nais, econômicos e culturais (isto é, apesar do fato de que eles, sob condições de subdesenvolvimento, possam inclusive permanecer possibilitados em sua forma inicial), o mesmo não poderia ser dito para os estágios do desenvolvimento demográfico nos países em desenvolvimento durante a segunda metade do século vinte. As características sócio-culturais, de dinâmica demográfica e estruturais atuais daquela população são, até um certo ponto, o resultado da acumulação histórica de impossibilidades impostas pela dinâmica demográfica funcional desenvolvimentista - a qual realizou-se através de uma redução artificial da taxa de mortalidade induzida de fora - e da motivação coletiva ou individual, ou das determinantes sócio-econômicas da reprodução biológica, que não podem ser encontradas e interpretadas através da força e lentidão das normas tradicionais pro-natalidade que ainda não conseguiram se estabelecer. Isto somente será possível através da percepção da interdependência das condições internas e externas contemporâneas - embora herdadas, até um certo ponto - nas quais a população é autorizada a satisfazer suas necessidades básicas.

"Tradicionalismo", conceito muitas vezes utilizado nos dias de hoje para explicar o comportamento demográfico da maioria da população mundial - mas que é "irracional" no sentido desenvolvimentista, opostamente à reprodução biológica "racional" nas condições atuais de alto desenvolvimento da sociedade - é somente uma forma aparente, na realidade uma forma silenciosa, das determinantes socio-econômicas contemporâneas do desenvolvimento demográfico nos países em desenvolvimento. A base autocrônica social e econômica, na qual as determinantes tradicionais pro-natalidade originalmente cresceram, desapareceu há muito tempo. Estudos feitos nos países em desenvolvimento, os quais diferem completamente um do outro em termos geográficos, mostram que aqueles processos (a dinâmica demográfica tradicionalmente motivada da maioria da população) que parecem ser irracionais e perigosos em termos de desenvolvimento para o observador externo, encontram significativa justificativa internamente na somatória total das relações sociais que permitem a perpetuação do subdesenvolvimento em condições de um desenvolvimento dependente a nível nacional que, por conexão, se estende em escala internacional. Mesmo exemplos opostos suportam es-

ta idéia - isto é, tanto a experiência dos países em desenvolvimento que registram uma queda brusca e significativa na taxa de natalidade e de crescimento demográfico enquanto permanecem no mesmo nível de desenvolvimento econômico (de acordo com o PNB per capita), como a experiência vivida pelos países com alto crescimento populacional. Estes últimos incluem países como China, Costa Rica, Cuba, Sri Lanka e Egito, países onde o desenvolvimento, especialmente o agrícola e o urbano, está baseado no seu capital mais abundante - a força de trabalho, países que têm, em maior ou menor grau, feito um esforço no sentido de diminuir o "gap" (e não aumentar as diferenças) na distribuição nacional da renda, atribuindo maior importância ao desenvolvimento da estrutura social, especialmente a nível de educação da população.

Independentemente do fato de que o desenvolvimento demográfico nos países em desenvolvimento continua num subestágio de pré-transição ou que esteja cruzando a fronteira do subestágio transicional central, o certo é que o mesmo reflete as relações sócio-econômicas historicamente condicionadas em cuja estrutura de desenvolvimento transnacional está se processando. Assim, para se elaborar uma teoria do desenvolvimento demográfico mundial mais abrangente e multidisciplinar, as bases atuais da Teoria da Transição Demográfica têm de ser ligados aos conhecimentos científicos que mais investigam as origens e a natureza dos problemas de desenvolvimento dos países periféricos. Dada a historicamente conhecida dependência do desenvolvimento econômico em todos os níveis espaciais - até ao nível planetário - e a conseqüente e inexorável dependência do desenvolvimento populacional entre as partes desenvolvidas e subdesenvolvidas do mundo, a dependência desse desenvolvimento deverá tornar-se um elemento adicional da Teoria da Transição Demográfica. Esforços devem ser feitos no sentido de enriquecer a teoria dominante de desenvolvimento populacional por estágios, juntando-se aí os relevantes avanços do pensamento científico mundial cuja base é a Teoria da Dependência. Dever-se-ia construir a Teoria da Transição Demográfica Dependente mantendo-a ligada a esta larga gama de interesses - isto é, de forma que ela interprete o passado e o presente e que faça a previsão do desenvolvimento de-

mográfico futuro, dando pesos iguais aos fatores endógenos e exógenos do desenvolvimento sócio-econômico.

Notas

1. A noção de "desenvolvimento demográfico" aqui denota mudanças nas estruturas e dinâmica populacionais nas suas interações mútuas e como parte do funcionamento dos fatores econômico, social, biológico, psicológico e de outras naturezas que, direta ou indiretamente, condicionam ou mesmo regulam o desenvolvimento da população numa direção específica.
2. Este trabalho é um resumo de um estudo detalhado da problemática do desenvolvimento demográfico (particularmente no contexto ecológico dos problemas e condições do desenvolvimento sócio-econômico no mundo), em: Roca, Zoran (1987): Demografsko-ekološki slom (O Colapso Demográfico e Ecológico), publicado por August Cesarec, Zagreb, Iugoslávia.